

A poluição está a invadir o cérebro

6 de Fevereiro, 2017

A ligação entre a poluição do ar e a demência tem sido polémica entre os cientistas, mesmo quando os seus defensores dizem que é necessária mais investigação para confirmar esta relação causal e saber precisamente como as partículas poluentes invadem o nosso cérebro e o danificam, avança hoje o Expresso. Mas um estudo epidemiológico americano que durou 11 anos, liderado por Jiu-Chiuan Chen, da Universidade da Califórnia do Sul, conclui que viver em cidades com uma exposição às partículas poluentes PM2.5 mais elevada do que o limite-padrão definido pelas agências de proteção do ambiente – 12 microgramas por metro cúbico de ar (um micrograma é um grama a dividir por um milhão) – duplica o risco de demência nas mulheres idosas. Esta descoberta, se for generalizada a toda a população da Terra, revela que a poluição do ar pode provocar 21% dos casos de demência no mundo.

Os resultados do estudo, que se apoiou também em experiências com ratos de laboratório expostos à inalação de PM2.5, foram revelados na revista científica *Translational Psychiatry* (grupo Nature). Até agora, já era consensual na comunidade científica o risco de se contrair asma, o cancro de pulmão ou doenças de coração por causa da inalação de partículas poluentes finas e ultrafinas como a PM2.5, gerada pela atividade industrial e pelos combustíveis fósseis. Mas provar que a demência nos idosos e a doença de Alzheimer são provocadas pela mesma causa é um desafio mais complexo.

Ana Cristina Rego, professora da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra e investigadora do Centro de Neurociências e Biologia Celular (CNC), aponta limitações ao trabalho feito pela equipa americana, em especial porque “continuamos sem saber qual é o mecanismo que pode levar essas partículas a entrarem no interior do nosso cérebro”.

Esta área de pesquisa “é muito, muito nova”, avisa Michelle Block, neurocientista da Universidade de Indiana (Indianapolis, EUA), citada pela revista *Science*. Mas “estamos num tempo muito estimulante para se estudarem as conexões entre a poluição e o cérebro e se estas forem reais, darão aos especialistas em saúde pública uma ferramenta para reduzirem os riscos da doença de Alzheimer, uma perspectiva bem-vinda para uma doença que é tão devastadora e que, por enquanto, não tem tratamento”.